



O CÉREBRO COMO METÁFORA

LUI MONIZ PEREIRA

Que significado tem para o conceito que fazemos de nós próprios uma teoria cibernética da mente?

UMA teoria cibernética dos dos processos mentais não implica a redução do ser humano a uma máquina enfadonha, mas pelo contrário amplia a nossa concepção daquilo que um mecanismo pode ser.

Dado que há muitos humanos que nutrem grandes cuidados e atenções pela manutenção do seu carro em condições perfeitas, embora ignorem os seus filhos (ou lhes batam quando já não é possível ignorá-los), poder-se-ia sugerir que se as pessoas se encarassem «apenas» como meca-

nismos intrincados elas poderiam ser muito mais benfazejas para com o seu semelhante! De qualquer modo, o amor por outro não deveria ser menor pelo facto de se tratar de algo sobre os mecanismos corporais e neuronais que subjazem a existência. Relativamente à maior partes das nossas relações quotidianas com as pessoas, a linguagem desenvolvida pela espécie ao longo de milénios dará expressão ao que pretendemos dizer; mas se encontrarmos novas técnicas de meditação, ou novos produtos para eliminar a depressão mental, teremos então que sondarmo-nos interiormente em busca de leis para o funcionamento humano. Em poucas palavras, uma teoria cibernética — quando apreciada nas suas subtilidades — não destruirá necessariamente uma concepção humanista de nós próprios (embora seja incompatível com interpretações demasiado literais da Bíblia), mas enriquecerá essa concepção ajudando-nos a melhor medir a nossa verdadeira complexidade e diversidade.

METÁFORA

A explicação física é compatível com a nossa acarinhada crença sobre a unicidade de cada homem, mulher e criança. Quando atentamos na vasta quantidade de informação contida no código genético de cada um, a qual é sempre diversa excepto no caso dos gémeos verdadeiros, e lhe adicionamos a enorme variedade de experiências pessoais que cada um experimenta (e aqui os gémeos também

diferem), então apercebemo-nos que é inevitável que, como sistemas providos de um cérebro que pode armazenar muita da sua experiência individual, teremos de acabar por ser indivíduos únicos. Devemos acate-lar-nos, quando usamos a metáfora «os humanos são máquinas», de não cairmos na falácia de reduzir o homem às máquinas que actualmente conhecemos. Quando a teoria Darwinista da evolução tornou possível afirmar «os humanos são animais»,

houve uma violenta reacção porque a maior parte das pessoas de então estavam profundamente convencidas de que não eram apenas animais. O ponto aqui, está claro, é o de que a evolução não nos reduziu ao nível dos restantes animais. Pelo contrário, alargou o conceito de animal (e o conceito de máquina ainda não está suficientemente lato) de forma a promover uma continuidade essencial (e não uma descontinuidade de essência) entre todas as coisas vivas sobre a Terra. Enquanto que, através da anatomia e da fisiologia comparadas, ganhámos uma grande compreensão dessa continuidade, ao mesmo tempo apercebemo-nos de, e estudamos, aquelas coisas que distinguem o homem dos outros animais — tal como um gato, com uma certa dose de consciência humana, separaria os gatos dos outros animais para estudar o que é essencialmente felino. Ao dizer que o homem é uma máquina, não devemos macaquear aqueles Darwinistas que insistiam que o homem não era senão um macaco, ignorando-lhes as diferenças. Pelo contrário, devemos aceitar o repto de desenvolvermos as nossas concepções sobre hipotéticos mecanicismos, de forma a que possamos eventualmente vir a compreender exactamente quais as características suplementares, relativamente às máquinas actuais, que um mecanismo deverá possuir para que comungue conosco cada vez mais dos nossos atributos humanos.

Ao ponderarmos sobre a aparente liberdade e espontaneidade do nosso pensamento, devemos apercebermo-nos de que isto resulta da complexidade dos nossos mecanismos internos, dos nossos sentidos, e do facto de que a grande parte do nosso processamento interno permanece inconsciente. Comete-se um grave erro quando se equaciona o processamento levado a cabo no nosso século com os pesamentos de que somos conscientes. É muito difícil compreender por introspecção os processos que decorrem ao reaver-se informação a partir da memória, pois que parece frequentemente ser a consciência a ditar uma pergunta para a qual o restante cérebro fornece uma resposta — tal como se estivéssemos a um balcão de informações fazendo uma pergunta à qual um mecanismo laborado, e que desconhecéssemos, respondesse.

Por outro lado, ao tentarmos compreender as propostas actuais para os mecanismos do século, devemos ter em conta o muito que progrediram os computadores nas últimas décadas e comparar esse facto com os milhões de anos de evolução que o sistema nervoso necessitou para atingir a sua actual complexidade. No entanto, esta comparação de décadas com milhões de anos é um tanto enganadora, visto que no caso dos computadores, tem existido um planeamento consciente por parte de uma inteligência activa, enquanto que no caso da evolução atribuímos a autoria do «projecto» a factores não dirigidos em interacção mútua, sem a intervenção de uma inteligência exterior (aqui nem todas as Bíblias nos concederão o ponto). De qualquer modo, devemos adquirir consciência do profundo hiato que ainda separa os programas de com-

putador correntes da inteligência humana em geral. Também devemos notar que a maioria dos programas de investigação apenas simulam aqueles aspectos da resolução de problemas que mais próximo estão do nível verbal. Assim, eles não nos explicam a fundo como pensamos, mas indicam antes um nível explicativo subjacente às manifestações exteriores aparentemente aleatórias do comportamento.

PARÁBOLA

A finalizar, uma lenda contada por K. Vonnegut no seu livro «The Sirens of Titan».

Tratádamore é um planeta populado (ou «maquinado») apenas por máquinas. É claro que, sendo as máquinas muito inteligentes, preocupam-se com a sua origem e, embora nenhuma delas o saiba ao certo, pois a sua origem perde-se no tempo, há a crença de que, era uma vez, o seu planeta se encontrava populado por seres vivos, e não por máquinas, os quais constantemente procuravam compreender a finalidade da sua existência. A medida que os seus conhecimentos aumentaram, esses seres começaram a perceber que a maior parte da sua actividade não podia ser qualificada como dirigida para um alto propósito, e portanto construíram máquinas que pudessem encarregar-se dessas funções claramente pouco importantes. A medida que o tempo passou, mais e mais daquilo que originalmente pertencia ao seu tempo foi endossado às máquinas, até que eventualmente as máquinas se tornaram tão sofisticadas que os seres então habitantes do planeta puderam confiar-lhes a tarefa de descobrir o alto propósito que procuravam. As máquinas, sendo mais objectivas e muito eficientes, depressa puderam relatar aos seres seus senhores que estes não possuíam nenhum alto propósito!

Nada mais odiando do que criaturas sem finalidade, os seres deram início à sua própria chacina. Veio a verificar-se, no entanto que também nisso as máquinas os superavam...

LEITURAS

- 1 — Arbib, M. — «The Metaphorical Brain», 1972, J. Wiley.
- 2 — Elithorn, A. (ed.) — «Artificial and Human Thinking», 1972, Elsevier.
- 3 — Crosson, F. J. — «Human and Artificial Intelligence», 1970, Appleton-Century-Crofts, New York.

